

ESPAÇOS DE VIOLÊNCIA E DO EXÍLIO SOCIAL EM *ECOS DA MINHA TERRA*, DE OSCAR RIBAS

Marcio Roberto Pereira¹

RESUMO: *O trabalho visa ao exame da obra de Oscar Ribas, Ecos da minha terra, a partir de uma poética de identidade com o negro e das experiências narrativas de personagens que participam de um espaço de exclusão, violência e exílio social. De forma geral, o livro trata da morte e da violência de maneira crua e sem idealizações. Ao propor uma análise dos contos de Ecos de minha terra, o trabalho aqui apresentado reflete sobre uma poética da exclusão que percorre os contos que compõem a obra, em diálogo com imagens e mensagens de luta pela sobrevivência. Dentre os contos analisados, “Damba Maria” será privilegiado por conter uma trajetória narrativa em que o personagem central sofre com a degradação. Tal experiência é marcada por imagens e mensagens do colonialismo e pós-colonialismo que circundam o espaço da narrativa.*

Palavras-chave: Exílio. Espaço. Oscar Ribas.

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens – é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento. (BENJAMIN, 1994: 195)

Publicado em 1952, **Ecos de minha terra** representa um importante retrato do contexto angolano, delineado por Óscar Ribas (1909-2004), a partir de uma reunião de contos que mostra as imagens da violência e da exclusão social numa Angola periférica e desolada. Em **Ecos de minha terra**, a recuperação da linguagem oral, por meio de narrativas entrecortadas pela violência, o caos e a exclusão, formam um painel de “episódios” ou “dramas” das vozes daqueles que vivem numa zona de exclusão e abandono. Como define Adorno: “Desintegrou-se a identidade da experiência — a vida articulada e contínua em si mesma — que só a postura do narrador permite. (...) Narrar algo significa, na verdade, ter algo especial a dizer e justamente isso é impedido pelo

¹ Doutor em Letras. Professor do Departamento de Literatura da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis. Email: marciorpereira@assis.unesp.br [Trabalho com apoio da FUNDUNESP.](#)

mundo administrado pela estandarização e pela mesmidade”. (Adorno, 1980: 269)

A começar pelo título, **Ecos da minha terra** vincula-se à tradição oral, recuperando o passado que retumba numa Angola que é marcada por história de exílios — sociais, sentimentais, geográficos, entre outros — e cujo desamparo e violência ainda perfazem uma terra que pulsa suas contradições. É justificável, dessa forma, a opção tomada por Óscar Ribas, na introdução de sua obra em edição de 2004, de definir seus onze contos como sendo dramas: “Os contos, ou, antes, dramas, que enfeixam esta obra, não reproduzem produto de imaginação, mas episódios transplantados da vida real.” (RIBAS, 2004, p.11). Ao optar pelo registro escrito dos ecos que se transformam em dramas, o escritor age como um mediador entre um mundo de personagens, vinculados ao real cotidiano de Angola, com tragédias expostas numa cidade em cujas marcas do colonialismo modernidade e violência formam o combustível para uma engrenagem social que se movimenta de forma contraditória. Exemplo dessa tensão é a utilização da Língua Portuguesa — pertencente ao colonizador — contaminada pelos regionalismos angolanos.

Reflexos do passado, os onze dramas que compõem **Ecos de minha terra** são demarcados por diversas imagens da violência e do exílio social, numa espécie de catalogação, ou inventário, de todas as formas de degradação ou aniquilamento do amor, da liberdade, da justiça, da igualdade, entre outros temas, por meio de uma opção em que a realidade de outrora não pode ser apagada após a independência de Angola.

Assim como existe a variedade de vozes no conjunto de contos que compõem o **Ecos de minha terra**, há também a variedade de formas de expressão da violência. Não se trata apenas da agressão cotidiana, mas também da violência verbal, da violência física, do abandono e, por fim, da estilização da violência por meio da representação de cenas (escritas ou sob a forma de imagens que compõem a obra) que adquirem um aspecto de normalidade frente a um cotidiano caótico e de desamparo social.

É importante notar que os contos que compõem a obra de Oscar Ribas sempre remetem o leitor para uma época distante, como acontece na primeira história, “Damba Maria”:

Na época em que decorreu este episódio, a pitoresca vila de Catumbela constituía um grande mercado, aonde numerosas caravanas de negros, carregados de borracha, cera, marfim, mel e outros gêneros gentílicos, acorriam na mira de permutar com o

européu, em troca, a apreciada aguardente, pólvora, armas, fazendas e outros produtos. Mas a escravatura — essa mácula do passado — formava o manancial mercantil, tão propício ao branco como ao preto. (RIBAS, 2004: 17)

É nesse tempo distante que acontecerá o drama de Damba Maria, escrava que se recusa a oferecer água num copo a um mulato de passagem. No entanto, esse mulato, um ricoço da vila, como define o narrador, busca a todo custo comprar a escrava para realizar sua vingança. Após realizar seu intento, o homem refaz a cena inicial em que Maria lhe oferecia água no chapéu e, como se para reafirmar sua autoridade, o homem atira e mata Maria. Tal imagem refeita, agora sob o signo da violência e da vingança, reitera o passado de intolerância e exclusão que marca as narrativas de Óscar Ribas.

È importante notar que apesar do tratamento estético feito pelo escritor para recontar essa histórias, uma vez que ele registra ao final do conto que “essa lenda foi narrada, ainda na infância do autor, por uma amiga de sua mãe, então recém-chegada de Benguela e, posteriormente, já na juventude, por uma prima sua, também vivendo nessa cidade.” (RIBAS, 2004:30), há uma vinculação com o folclore que, na idade adulta do escritor, é transposto da tradição oral para a escrita. Esse drama, dessa forma, guarda a imagem de um sofrimento que, apesar dos tempos, ainda é lembrado, com o apregão de “Damba Maria”, quando o comboio do Caminho de Ferro de Benguela pára na estação do quilometro vinte e sete. De certa forma, essa é a lembrança de um tempo de injustiça e sofrimento que ainda pertence ao ideário de uma nação. Não mais pela circulação oral mas pela tradição escrita que reconstrói uma tragédia cotidiana narrada por uma voz que questiona os desatinos de uma realidade:

O caçador já não falava. Incendido pelo seu sol interior, dardejava pensamentos cáusticos. A escrava, sempre à retaguarda, chorava agora em silêncio, como se sentisse o ardor daquela alma ignescente. Ai, os espíritos não a socorriam! Que mal fizera para tamanho desprezo? Por ser escrava? Ai, também eles, a consideravam um bicho! E Deus, igualmente nada, nada fazia por ela! Oh! Se alguma falta cometera, perdoassem-lhe todos! Perdoassem-lhe todos, todos do Além, qualquer culpa ignorada! Ó espíritos, ó Deus, perdão, perdão, perdão! Ai! (RIBAS, 2004: 29)

A reflexão de Damba Maria, suprimindo a voz do narrador, marca a revelação de seu fim trágico e, por conseguinte, seu abandono perante um mundo material e imaterial. A heroína sente o peso do abandono e da solidão ao implorar por um perdão do qual ignora a culpa. Numa espécie de inversão do movimento da tragédia clássica,

em que o herói é responsável pela sua degradação, em **Ecos de minha terra** os personagens são vítimas de um destino não mais definido pelos deuses, e sim pelos exploradores ou colonizadores. O canto de Damba Maria, vítima da contingência de uma realidade opressora, a faz tornar-se exilada na sua própria terra e ter como trajetória o abandono. Além de ser abandonada pelo dono, que se deixou seduzir pela generosa oferta financeira de um desconhecido que queria vingança, Maria já havia sido abandonada por sua família, que a cedera a um tio que também a vendera. Do exílio — nesse caso geográfico e social — só lhe restaram as lágrimas e a angústia:

E lágrimas de raiva, lágrimas de angústia, lágrimas vindas da própria alma, saíram, como nunca, de seus olhos desgraçados. Sim, pranteou bastante, durante dias, porque o homem a quem chamava tio, esse homem que era irmão de sua mãe, vendera-a como se fora uma galinha, vendera-a como se fora um leitão. Canalha! Ela, ainda no princípio da vida, ficar sem a liberdade! Que mal fizera para tamanho castigo? (RIBAS, 2004: 23-4)

A trajetória de Maria torna-se um eterno questionar sobre a condição de seres que não possuem autonomia de seu destino. Cabe, dessa forma, ao narrador/contador, recuperar essa voz periférica e de exclusão que cria imagens de cumplicidade discursiva, nas quais a voz do herói torna-se questionadora de um drama cotidiano. Nesse drama, o orgulho e a cegueira do herói da tragédia são substituídos pela inocência e consciência na narrativa de Óscar Ribas. O silêncio que floresce de ecos da violência e da exclusão é substituído por uma nova dimensão ao se analisar o papel do escritor como porta-voz de lendas, histórias, mitos, que compõem a identidade de um povo marcado pela violência do colonizador. Assim, o contar histórias ganha uma dimensão de busca de um equilíbrio ou de entendimento de um mundo em que a exclusão e a violência são vivenciadas pelo dono da terra:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer *são* a memória viva da África. (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 181)

A reconstrução da memória, ou dos ecos dessa memória do exílio social, faz da

narrativa de Óscar Ribas um ponto de confluência de uma tradição oral, marcada pela recuperação de histórias que se irradiam pela sociedade no decorrer de várias gerações, e uma tradição escrita que permeia a utilização da manipulação técnica do escritor para recriar um universo contraditório por abrigar culturas — a do colonizador e a do colonizado — línguas — a língua portuguesa e o quimbundo, o crioulo, entre outras — e formas de percepção do mundo diferentes — a tradição oral e a escrita — que encontram seu espaço de convivência na representação simbólica do escritor. No caso de **Ecos de minha terra**, Ribas possui a intenção de criar um “narrador entranhado” nos dramas que representa, como uma consciência que guia o leitor ratificando a exploração e a miséria causadas, não pelas forças da natureza, mas pela ação do colonizador. Esse mundo do abandono forma, por meio de histórias cotidianas, um painel da periferia e da exclusão.

A literatura, como sabemos, ao imobilizar ou fixar a vida por meio do discurso, transforma-a em representação. Nesse sentido, como ela permite fazer também uma espécie de teste dos limites da palavra enquanto possibilidade de expressão de uma dada realidade, em se tratando de uma matéria como essa, a exploração das possibilidades de transgressão ditada pelas situações mais extremas – o sexo, a violência, a morte – cria temas “necessários” para o escritor (não mais para o etnógrafo) que, por meio deles, garante um interesse narrativo (para o leitor) escorado na antiquíssima catarse aristotélica, em que o terror e a piedade, a atração e a repulsa, a aceitação e a recusa são movimentos inerentes à sedução atávica atraindo para o indizível, o interdito, para as regiões desconhecidas da alma e da vida humanas. (PELEGRINI, 2005:142)

A construção da narrativa de Óscar Ribas, em **Ecos da minha terra**, marca uma relação de dependência entre os meios utilizados para conferir ao leitor uma totalidade frente às cenas da vida urbana. Pedacos de histórias, fragmentos de imagens, frases entrecortadas, enredos centrados em cenas sem idealismo mostram, visual e literariamente, o pulsar de um cotidiano que, desde a poesia de Baudelaire, marcada pelo fragmentário, recolhe os restos e as sobras de vidas que não mais se surpreendem com o caos, a violência e a exclusão. Nesse entrecruzar de vozes e visões sobre a realidade, o narrador de **Ecos de minha terra** toma o lugar dos antigos contadores de história, não para trazer a voz da experiência para seus leitores, mas para tentar resgatar a humanidade perdida entre escombros e ruínas

de uma sociedade. Sociedade essa que constrói fronteiras invisíveis entre realidades distintas, mas que convivem entre si e mostram os descompassos que regem o mundo moderno. Cabe ao narrador trazer a voz da denúncia acompanhada de imagens de natureza morta que pulsam a vida. bem define Walter Mignolo:

Embora as configurações territoriais fossem complementares às línguas e aos mapas lingüísticos (coloniais e nacionais) como bases das geografias literárias e das paisagens culturais, neste momento a história exige “uma outra língua” e “um outro pensamento” fundado na diferença colonial e não nos territórios nacionais e imperiais. (2003, p.45)

A construção do espaço nas obras de Óscar Ribas o posicionamento do contador/narrador e sua representação simbólica da realidade a partir de um projeto estético/social que tenta resolver as tensões entre uma nação que passa por um processo de construção de uma angolanidade que possui uma pulsação universal. Esse equilíbrio entre o local, e todos as suas peculiaridades — lingüísticas, comportamentais, geográficas, históricas, culturais, entre outras — e o universal, em que dramas do homem cotidiano afloram como símbolos de todo um povo que luta contra um espaço agreste e sente-se exilado em sua própria terra natal, faz do projeto estético de Óscar Ribas, uma importante voz do homem angolano que ecoa nas tragédias cotidianas do local mas que transcende para uma esfera universal.

saída humanística em que os heróis tentam absorver suas dores causadas pelo exílio e pelas violências do espaço, atribui um caráter universal à narrativa, na qual a melancolia ou o choque entre sonhos individuais e um espaço imóvel são resolvidos somente pela doação e aproximação dos personagens que experenciam o abandono e a condição de exilados. Segundo Homi Bhabha:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação — singular ou coletiva — que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. (, 1998: 20)

No caso de Óscar Ribas, as estratégias de subjetivação perpassam pela construção de Angola construída pela violência e exclusão que somente serão superados a partir da construção da memória e da experiência das imagens e mensagens da exclusão. Daí a opção do escritor em relembrar situações e dramas que foram se diluindo no presente e podem ser apagados no futuro. É esse o ecoar de histórias que recuperam heróis trágicos, palavras perdidas, cenas esquecidas num mundo delineado pela busca de uma identidade abafada e redefinida pelo olhar do escritor, não mais contador apenas, mas elemento de intervenção na criação de uma consciência que busca nos ecos do passado a construção da nova terra.

Óscar Ribas transcende o contista para tornar-se um antropólogo ao repensar os problemas materiais e espirituais de Angola sob o prisma da violência e da degradação que marcam as situações que recupera a partir de histórias populares. Literatura de experiência e contato com a realidade, **Ecos de minha terra** afina-se entre a narração a documentação para traçar o itinerário da angolanidade, construída por gente comum que vivencia histórias de abandono e violência.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. Posições do narrador no romance contemporâneo In: Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1980.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: ———. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Elaine Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

HAMPATÉ BÂ, A. “A tradição viva”. In: KI-ZERBO, Joseph (Coord.). História geral da África – I. Metodologia e pre-história africana. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982, p. 181-218.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PELEGRI, Tânia. As vozes da violência na literatura brasileira contemporânea. In: Crítica Marxista. (São Paulo), Rio de Janeiro, v. 21, p. 132-153, 2005.

RIBAS, Óscar. **Ecos de minha terra.** : Edições Maianga, 2004.

RESUMO:

O trabalho visa ao exame da obra de Oscar Ribas, *Ecos da minha terra*, a partir de uma poética de identidade com o negro e das experiências narrativas de personagens que participam de um espaço de exclusão, violência e exílio social. De forma geral, o livro trata da morte e da violência de maneira crua e sem idealizações. Ao propor uma análise dos contos de *Ecos de minha terra*, o trabalho aqui apresentado reflete sobre uma poética da exclusão que percorre os contos que compõem a obra, em diálogo com imagens e mensagens de luta pela sobrevivência. Dentre os contos analisados, *• gDamba Maria• h* será privilegiado por conter uma trajetória narrativa em que o personagem central sofre com a degradação. Tal experiência é marcada por imagens e mensagens do colonialismo e pós-colonialismo que circundam o espaço da narrativa.

ABSTRACT: To come from *Ecos de minha terra*, by Oscar Ribas, this article analysis the violence and the death in the shortstory *• gDamba Maria• h*. The experience of the characters in this work is very important for the experience of the colonialism an post-colonialism that compose the space and the plot in the many stories.

Breve notícia bio-bibliográfica

Marcio Roberto Pereira possui pós-doutorado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara), doutorado e mestrado pela UNESP/Assis. Atualmente é professor RDIDP do Departamento de Literatura da UNESP/Assis.